



×

A REVISTA ILLUSTRADA, de que vem de ser publicado um numero unico, confirma os creditos de grande publicação illustrada, que desde o inicio se fizera, e vai a uma carreira triumphal, graças ao fervor que Antonio Maria Pereira e Marianno Level, seus directores e proprietarios, tem desenvolvido angariar de todos os elementos artisticos e litterarios de que ha mister um jornal d'aquella indole.

O numero ultimo da *Revista Illustrada*, é como o seu antecessor, uma completa perfeição typographica e artistica.

×

Aproveitamos a occasião para reproduzir alguns desenhos dos quadros dos artistas portuguezes no *Salon* que a *Revista* publica no seu ultimo numero e que constituem uma das melhores tentativas feitas neste genero em Portugal.

## O rei da Baviera

Escusa o sr. Franco Castello Branco d'enbargar o paço aos despredícios dos seus collegas. E' mais facil cuspirem no elles da pasta a que o içaram, do que sustarem a cheia d'esbanjamentos, de que fizeram a condição *sine qua non* do seu partido. Já se começa a vêr para quê acervo de loucuras o governo contrahe empréstimos, arrastando lá por fóra o nosso credito, e expondo o nome portuguez ás pasquinadas infamantes dos *tapeurs* da finança parisiense. Não é para prover á justa subvenção dos melhoramentos publicos, nem para evitar ao paiz futuros *ultimatums*, que o gabinete actual pede emprestado. Estas instantes precisões nacionaes, em pouco preocupam a attenção da troupe Serpa, que ao fazel-as zoar nos seus decretos de dictadura, só teve em mira illudir as attensões, e chamar a si a sympathia dos contribuintes, p'ra lhes extorquir depois mais uma esportula onerosa. O governo só se preocupa de comprar adhesões por via d'empregos, e d'aplicar á satisfação dos caprichos reaes, as quantias que a pobreza publica lhe dá, á preço de mui dolorosos sacrificios.

Já uma vez desenhámos aqui a procissão sinistra dos que vão aos ministerios rebater, por libras mensaes, a senha do partido sob que se alistaram, e exprimimos de como essa horrivel liquidação se fazia á custa de todas as forças validas do paiz, e despojava a provincia, e as profissões liberaes, mercê da decadencia em que tudo vae cahindo.

Assim, sobre não haver dia nenhum em que o funcionalismo não sollicite do parlamento, melhoria de honorarios, e em que não vá, n'um crescendo abominavel, o devorismo d'uma classe, geralmente viciosa e predularia, para cujos regalos não chegará d'aqui a pouco o que nós ganhámos; sobre estarem de alcaiteia contra a inexperiencia dos ministros, os argentarios finorios, que vem á bocca do cofre receber, a titulo de contractas, a onzena do melhor quo nós pagamos — inda por cima um grupo de felizardos, o rei na testada, vae espatifando em viagens de prazer, em missões *soi-disant* diplomaticas e scientificas, e em obras de ostentação e de luxo, tudo o que no erário restaria de applicavel ao bem publico, uma vez subtrahida a parte dos burocratas e dos preguistas. O que as aguas-ferreas do sr. Barjona, em Londres, teem custado ao paiz, custa já a sommar sem erro de cifras, e em verdade contunde a paciencia, na proporção da vergonha diplomatica que ellas synthetisam.

A dotação da familia real ficou no que era, *nominalmente*. Mas isso que importa? se o sr. D. Carlos des'que casou, não tem feito senão despredicar contos de réis, em obras desnecessarias? Vae em quatro annos que os operarios andam no palacio de Belem, a espostejar cabedades, em construcções e remendos, que nunca findam, e pela maior parte são apenas o capricho de principes aborrecidos e ociosos. A parede levantada hoje, é lançada por terra amanhã.

As cavallariças que S. A. hontem quiz ter, no sitio *a*, amanhã desgostam S. M., que premedita mudal-as para *b*, demolindo o que antes fizera, e descompondo a rusticidade elegante da sua residencia, com acervos de barracas e pavilhões brazileiros, destinados a fazer ao bom gosto dos reis, um commentario triste, e ao bolsinho dos povos, um rombo pavoroso. Para os jardins do palacio, a que um apendice de horta, com laranjaes e latadas, imprimia um caracter tão genuinamente portuguez, anda já o bestunto moderador a premeditar devastações spleeneticas, parques e tanques, helvederes e jogos d'aguas, para que as centenas de trabalhadores chronicos do paço, vão devorando o pé de meia de milhões que o ministerio das obras publicas lá tem aberto, a sabor das infantilidades de um rei que brinca com o povo, como um collegial, com bonecos de chumbo.



Com os amanhos premeditados no castello d'Ou-tão, na foz do Sado, a brincadeira ha-de tornar-se quarenta vezes mais dispendiosa. Comprehende-se que SS. MM. não fizessem poiso balnear, n'um palacio, como o de Cascaes, ainda echoante dos gemidos d'uma pessoa de familia. Mas ponderando a estiagem sterlina do thezouro, não seria muito acquiescerem a imergir as reas cachollas, n'umas aguas, onde dois mezes d'estada, nos ficassem mais em conta.

O sr. Ramalho Ortigão tudo é queixar-se de que o povo portuguez não tome banhos. Como ha-de ser, se SS. MM. os tomam — por nós todos? Que Ou-tão, pelo seu poiso e aspeito, á entrada da barra de Setubal, é uma maravilhosa esplanada onde acoitar-se um rei, que atira ás gaivotas. Não ha por toda essa costa portugueza, mais romantico ninho d'entre rochas e baluartes, do que essa velha fortaleza, sem prestimo strategico, mas em cuja plataforma, de noite, o espectro d'um rei morto podia muito bem mostrar-se ao filho, como no HAMLET, a lhe dizer — *re-corda-te!* Ah!, a agua do Sado é cristallina como um espelho, a areia pura, a paysagem luminosa e ridetissima.

Fica por detraz do castello, um pincaro de rocha, idealmente abrupto, descendo a pique, em creneis gigantescos, e com perfis de cycloptico *manoir*. Esta habitação porém, que seria magnifica para repouso d'um poeta, que se contentasse em vir a Setubal, em dias de festa, bifurcado n'um burro, uma vez condemnada a hospitalar a côrte, haverá que soffrir po seu pitoresco primitivo, esses acrescentes cáros, para cujo costeiro ruinoso o paiz pede emprestado — a seis por cento. E' necessario primeiro uma estrada, que facilite o percurso das equipagens reaes, da fortaleza para a cidade, e vice-versa. Porque SS. MM. hão-de ir muito a Setubal, que é uma cidade republicana, com um povo em penuria, mas ahivo, e são

conhecidas as receitas de bodos aos pobres, kermesses com rainhas, e dez libras para melhoria de rancho aos soldados, com que as monarchias tem por costume virar, temporariamente ao menos, a opinião. Essa estrada, tallhada em rocha viva, a cavalleiro do rio, ha-de custar quantias fabulosas, e apesar de pouco extensa, é questão para desviar quinhentos ou seiscentos contos de melhoramentos com que o paiz lucraria, se não houvesse rei, ou se o rei, como qualquer dos seus subditos, fosse tomar banhos—á barca. Acresce que no castello, ha apenas as cazamatas da tropa, uma rezidencia modestissima para a governadoria, uma capella pequena, e as masmorras.

—Não percamos de vista que ha por lá azulejos preciosos — *Done*, derrocada das velhas accomodações militares da fortaleza, taboa raze sobre tudo quanto o monarcha achar que impeça a magnificencia do seu estadio, e levantamento, sobre a vetusta esplanada, d'um palacio que só servirá dois mezes, e que os almoxarifes mostrarão no resto do anno, por dois tostões, aos setubalenses amadores de pic nics.

Ora ahí tens, Zé povo, para que o sr. Franco Castello Branco te pede adiconaes de 60 %; ora ahí tens, pateta, porque a modestia do viver real se contenta apenas, com a lista civil já percebida por seu pae e sua avó.

Tu queixas-te dos professores primarios nada ensinarem a teus filhos, porque ha seis mezes lhes não pagam? Não faças caso, que S. M. o rei, precisa banhos. Em Setubal começava a haver meetings de mais, vez tu?—e aquella brava gente, que por duas vezes fez sahir do porto, vapores inglezes, sem carregamento (á hora em que os commerciantes de Lisboa se passavam, como cobardes, para o lado do commercio inglez, que haviam jurado abandonar); aquella brava gente, que foi da primeira a comprehender que o tempo das monarchias passou, e que todo o cortejo das nossas miserias deriva do throno, como d'um theorema, um corollario; aquella brava gente necessitava de ser adulada pelo chefe do Estado, a quem os aulicos aconselharam apressasse a visita, desconfiando que ella já chegue a Setubal—um pouco tarde.

IRKAN.

## CHRONICAS AGRICOLAS

POR D. LUIZ DE CASTRO

E a compilação dos trabalhos que o auctor espargiu por diversos jornaes de Lisboa, e que tão gostados foram dos leitores apaixonados d'agricultura. Pela leitura d'este volume, que se faz rapida e aproveitadamente, descobre-se no sr. D. Luiz de Castro, um escriptor d'elocução ductil e celeremente colante ao seu assumpto, e um espirito em demasia culto e sereno, que se compraz em ir apagando, sob uns tons de folhetim, os cabedaes de leitura e assimilação scientifica, de que é rico. Contrasta isto com o proposito de tantos, que procede ao contrario: tanto basta para exaltar o redactor das *Chronicas Agricolas*, saudando n'elle, apesar de bem novo, um dos nossos mais lucidos escriptores d'especialidade.

## EM LOUVOR DE S. JOÃO

### TROVAS POPULARES

Fazem foguetes — *pás-pás!*  
E os sinos — *tão-ba-la-lão!*  
Tudo em festas se desfaz,  
Em louvor de S. João.

A' familia do monarcha  
Aumentou-se a dotação...  
E assim vae singrando a barca  
Em louvor de S. João.

Ao povo nada agazalha,  
Passa a vida como um cão:  
— Goma feno, como palha,  
Em louvor de S. João.

Sem camisa, tudo o impelle  
A andar nu, qual outro Adão:  
— Depois da camisa, a pelle,  
Em louvor de S. João.

Sem que em nada nos reintegre,  
Vae-nos roubando o bretão:  
— Aguentar e cara alegre,  
Em louvor de S. João.

O partido democrata  
Diz que mette isto no são:  
— Mas não ata nem desata  
Em louvor de S. João.

Vae crescendo o que devemos,  
Como o nariz do Beirão:  
Brinquem todos quantos *'stemos*  
Em louvor de S. João.

De fóra só vem despeza,  
O' que ditosa nação!  
Vae n'um sino, com certeza,  
Em louvor de S. João.

Anda tudo aperreado,  
Quer seja móiro ou christão:  
— Descem fundos no mercado  
Em louvor de S. João.

As madamas, aos maridos,  
Quando em casa não tem pão,  
Pedem libras p'ra vestidos  
Em louvor de S. João.

Portugal, pedindo esmola,  
Muito em breve estende a mão:  
— Isto alegre, isto consola,  
Em louvor de S. João.

E o governo, á parentella,  
— Pois que o vento é de feição—  
Puxa a escota, molha a vella,  
Em louvor de S. João.

Dó ré mí fá só lá sí,  
Tis ta tão ta ri nan tão,  
— Fico-me hoje por aqui  
Em louvor de S. João.

PAN-TARANTULA.

## O discurso de Guerra Junqueiro

“...Eu estava fallando d'esta indiferença comatosa e funebre do paiz, pelos seus direitos e pelo seu destino. Os partidos correspondem ao estado da nação. Fazem-me lembrar um homem que n'uma feira vendia vinho e vinagre, da mesma pipa. O vinho sahia por um lado, e o vinagre por outro. A droga era a mesma. E' e que acontece com a politica dos nossos partidos. E' igual e sahe da mesma pipa. Só as torneiras é que são diversas. E o povo, esse recorda-me um cavalheiro da provincia, que eu conheço, e que ataeado d'uma ministerialite inveterada e chronica, a justifica, dizendo que não é elle que *se passa*, e que são os governos que mudam.,



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

11,4

## A exposição Keil



Alfredo Keil abriu o seu novo atelier da Avenida, com uma gentilissima festa, onde foi tudo o que Lisboa conta de conhecido e distincto. Essa *matinée* serviu para inaugurar tambem, a exposição de quadros do artista, cerca de duzentas e quarenta telas em todos os generos, das quaes muitas, *paysagens* de campo e de mar, são fixações flagrantes da natureza. Esta exposição é servida por um catalogo illustrado.

A estampa que damos, reproduz um dos mais bellos quadros d'Alfredo Keil, e copiamol-a sobre um desenho do mesmo. E' o porto de abrigo dos pescadores, á sombra das rochas do cabo Espichel.

## A DOTAÇÃO

MEDITAÇÕES DE UM PROFESSOR DE INSTRUÇÃO PRIMARIA



—(Apprehensivo e melancholico) Já dez contos e ainda não sabe ler!...  
O que fará quando souber?...

# Grandes criminosos

O ASSASSINO EYRAUD



(Retrato de quando na Europa)



(Retrato d'Eyraud, na Havana)

# Café Europa.



*M. Gustavo Bordallo*

O Café Europa: rendez-vous da colonia allemã, um pouco de todas as colonias estrangeiras participando dos costumes d'aquella raça, e, modernamente, do *rasta-querissimo* lisboeta, feliz por se encontrar n'uma *brasserie* authentica, onde não se faz má lingua, onde se bebe excellente cerveja e onde é grato ir à noitinha, devorar um excellente jantar, em companhia de uma excellente rapariga, servido por um excelente creado, longe das vistas indiscretas da Avenida e a dois passos do setimo cen do eminente *cor-ion-bleu* que deu pelo nome de Vatel.

LISTA CIVIL . ADICIONAR DE 6 %

## A alcachofra da situação



N'estes dois processos de festejar o S. João, queimando alcachofras, poderia, sem esforço, encontrar-se a formula da situação portugueza, tal qual no) a crearam os amáveis constitucionaes do sr. D. Pedro IV, cujo coração é como se sabe, propriedade da rua de Santo Antonio.

Em Portugal, a alcachofra, que ainda não teve tempo de transformar-se em latego, arde em louvor da Duma Vermelha e resolve-se n'uma onda de fumo que, mais e mais, vai avolumando as formas classicas do *chapéu de côco* da Revolução.

Em Africa, a alcachofra, a que n'um dia de incontinencia, o sr. P. Chagas chamou «a bandeira das quinas», arde em louvor da rainha de Inglaterra, nas mãos d'um consul protegido por esta causa ao mesmo tempo grandiosa e minuscula que se chama — Ernesto Hintze Ribeiro